

Na ponta dos dedos

CARLOS MONFORTE

Se há uma coisa que o futuro presidente faz questão de preservar é a biografia dele. E para este objetivo, há dois trabalhos importantes no caminho: a manutenção e aprimoramento do plano de estabilização da economia e as reformas profundas e urgentes na Constituição. Por isso, qualquer mínimo obstáculo que possa ferir um desses intentos, corre o risco de ser sacrificado por mais nobre que seja.

Não precisa ir muito longe para um exemplo. O caso do abono no salário mínimo é um bem próximo. Depois de três longas horas de negociação, os sindicalistas saíram do Palácio do Planalto com o ar leve da vitória: o salário mínimo teria um abono de 15 reais em janeiro, extensivo a pensionistas e aposentados, e as centrais participariam de uma comissão para estudar reformas na Previdência. O presidente Itamar levaria tudo para concordância do novo presidente.

Muito bem. Não precisou muito tempo para vir a reação do presidente eleito. Pediu a um assessor para ligar para as redações e dizer que não concordava com essa história. Ou pelo menos com parte da história, já que havia partido dele a idéia das centrais participarem da comissão da Previdência. Ele não concordava era com o abono. Iria pedir à equipe econômica um estudo mais profundo do impacto da concessão sobre o Plano Real, que é a razão de sua existência como presidente da República.

Ou seja: o novo presidente está animado a não conceder nada, nem que seja popularmente correto, se essa concessão esbarrar na credibilidade, na vida do plano. E vai mais longe: como dar um abono num mês e tirá-lo no outro? Com que cara ele enfrenta os aposentados, já tão sacrificados? Prefere demorar um pouco mais, fazer um estudo mais profundo e resolver de uma vez por todas a questão da Previdência, que é também a do salário mínimo.

E é esse cuidado com o Plano Real que vai levar o novo presidente a se empenhar a fundo na reforma da Constitui-

ção. A intenção dele é garantir a aprovação pelo Congresso, logo no início do governo, das reformas tributária e da Previdência, exatamente para dar sustentação ao plano, já que todos os instrumentos de preservação da estabilidade da economia praticamente se esgotaram.

O futuro presidente só pensa nisso, porque isso é que vai cunhar sua biografia como de resto fará o sucesso de seu governo. Tanto assim que seu futuro ministro da Justiça, Nelson Jobim, que foi o relator da malograda revisão constitucional, e seu futuro ministro da Educação, Paulo Renato de Souza, coordenador do plano de governo, estão mergulhados nas propostas de reforma, que vai começar a ser discutida com o futuro ministro-chefe do Gabinete Civil, Clóvis Carvalho, na semana que vem.

Fernando Henrique Cardoso quer atacar as reformas pra valer. Na verdade, os analistas consideram que a aprovação do pacote de medidas é que marcará a primeira fase do governo. É a fase das mudanças, de adequações da realidade brasileira a uma constituição mais moderna.

Acertada essa primeira fase, Fernando Henrique passaria à segunda fase, quando haveria alterações na equipe de governo, mas não necessariamente na equipe econômica. Quer dizer, embora ele não possa perder em nenhum momento a maioria no Congresso, haveria melhor seleção entre os ministros, e outro tipo de tarefa para a equipe da Economia. FHC tem de dirigir seu automóvel na ponta dos dedos, para que não haja qualquer barberagem política e se mantenha o atual clima favorável. E para isso, os tucanos mais arripiados têm de baixar a crista, senão podem prejudicar esse que já está sendo visto como o governo da redenção. Que não se perca pelo bico.

■ Carlos Monforte é jornalista